

# ESSA HISTÓRIA TAMBÉM É MINHA

## ARQUEOLOGIA ALTO-MEDIEVAL E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO TERRITÓRIO DE CASTELO DE VIDE

---

**SARA PRATA** Instituto de Estudos Medievais (FCSH/UNL), Universidade de Salamanca,  
sara.m.prata@gmail.com

**FABIÁN CUESTA-GÓMEZ** Universidade de Salamanca, jfabiancuesta@gmail.com

---

**RESUMO** Com este artigo os autores dão a conhecer as iniciativas de divulgação científica que estão a ser postas em prática no âmbito do projecto de investigação em arqueologia PramCV. É feita uma apresentação do projecto; uma reflexão sobre o papel da arqueologia na sociedade e da sua actuação junto das comunidades locais; destacam-se vários aspectos de Castelo de Vide como destino turístico e oferecem-se propostas de actuação para trabalhos futuro.

**PALAVRAS CHAVE** Arqueologia pública, divulgação científica, Alta Idade Média, património cultural, Castelo de Vide (Portugal)

**ABSTRACT** In this paper we present the public outreach activities being carried out in the archaeological research project PramCV. We will present the project; reflect about the current role of archaeology and its interaction with local communities; highlight several aspects of Castelo de Vide as a touristic destination and suggest new action lines for future activities.

**KEYWORDS** Public archaeology, public outreach, Early Middle Ages, cultural heritage, Castelo de Vide (Portugal)

---

### INTRODUÇÃO

Cada vez mais se tem vindo a reforçar a necessidade de materializar o fruto dos trabalhos arqueológicos em modelos de informação acessíveis ao público geral. De facto, só se pode verdadeiramente valorizar aquilo que se compreende e esta máxima é válida tanto para a prática arqueológica como para os valores patrimoniais sobre os quais esta actua. O principal objectivo da comunicação que se materializa no presente artigo, foi dar a conhecer as iniciativas de divulgação científica levadas a cabo no Concelho Castelo de Vide no âmbito do projecto de investigação PramCV (*Povoamento rural alto-medieval no território de Castelo de Vide*) e criar um espaço de debate sobre os desafios e oportunidades associados a estas práticas.

O artigo organiza-se em cinco apartados: a presente introdução; a apresentação e contextualização do projecto PramCV e das actividades de divulgação nele desenvolvidas; uma breve discussão sobre a arqueologia pública e as comunidades locais; uma análise preliminar das oportunidades que supõe o Concelho de Castelo de Vide para a divulgação do património arqueológico; e, por último, uma valoração final incluindo propostas para o futuro.

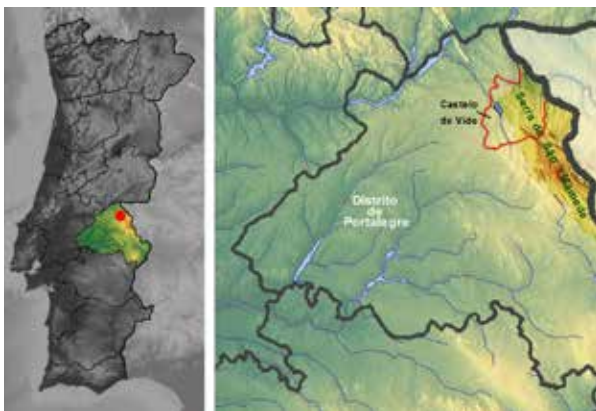
A comunicação que deu origem a este texto inseriu-se na sessão 11: *Depois dos Romanos e antes dos Castelos: Problemáticas e Potencialidades do Património Cultural alto-medieval*, organizada pelos autores do presente

artigo. Nesse sentido, para uma contextualização sobre aqueles que consideramos os desafios específicos da arqueologia alto-medieval, principalmente daquela que incide sobre o espaço rural, poderá ser consultada a introdução à sessão. De igual modo, remetemos para o texto no qual se materializa o poster de divulgação sobre a metodologia de investigação do PramCV, assinado por todos os investigadores do projecto (Cuesta-Gómez *et al.*, nestas actas).

### O PROJECTO PRAMCV

O PramCV é um projecto plurianual em arqueologia que está a ser desenvolvido no território de Castelo de Vide entre 2014 e 2017 (figura 1). Tem como instituição de acolhimento o Instituto de Estudos Medievais (IEM-FCSH/UNL) e conta com o apoio da Câmara Municipal de Castelo de Vide (CMCV).

O projecto tem como objecto de estudo as comunidades camponesas. O seu principal objectivo é caracterizar as estratégias de ocupação do mundo rural durante o período alto-medieval, procurando determinar os mecanismos sociais, económicos e ideológicos que articularam estas sociedades. Metodologicamente, o projecto assenta em quatro pilares fundamentais: a prospecção arqueológica dirigida; a análise espacial com sistemas de informação geográfica; a escavação arqueológica; e a análise da cultura material e dos ecofactos.



1. Mapa com a situação de Castelo de Vide.



2. Escavação levada a cabo na Tapada das Guaritas (Agosto, 2014).

Os principais resultados obtidos até ao momento advêm de escavações arqueológicas em vestígios de estruturas associados a sepulcros rupestres. Foi possível identificar espaços habitacionais (estruturas domésticas tipo granja) e espaços produtivos (lagares), e começar a entender a articulação destes com o território e a sua relação com as sepulturas (figura 2).

Do ponto de vista científico, os resultados obtidos no PramCV são extremamente relevantes, estando a ser identificada uma realidade ainda muito pouco conhecida a nível peninsular. Lamentavelmente, podemos dizer que parte do que faz deste património tão relevante do ponto de vista arqueológico torna-o também difícil de disponibilizar para o público geral. O próprio período alto-medieval tem pouca expressão no imaginário colectivo e, do ponto de vista da divulgação, as especificidades deste património dificultam a sua difusão, estando ausentes a monumentalidade/valor estético que normalmente se procura no património arqueológico visitável. Além disso, a grande maioria dos sítios arqueológicos alto-medievais encontra-se em terrenos particulares, utilizados maioritariamente para o pastoreio de gado bovino ou até em estado de semiabandono. São locais (actualmente) isolados e de complicado acesso, resultando difícil a visita do sítio arqueológico por auto-iniciativa.

Também a cultura material padece de um problema semelhante, já que a maioria das colecções apresenta altos níveis de fragmentação, sendo raras as peças completas; são formas elaboradas com pastas mal depuradas, maioritariamente a torno lento, com cozeduras heterogêneas e pouco decoradas, que não entram no perfil tradicional de “peças de museu” (figura 3).

## DIVULGAÇÃO

Desde o início queríamos que os nossos trabalhos tivessem impacto junto da população local. Esta situação verificou-se pela nossa vontade e compromisso pessoal enquanto arqueólogos, mas também pela nossa responsabilidade profissional para com o município. Sempre nos pareceu necessário transparência nos trabalhos realizados e materializar os resultados obtidos em modelos de informação direccionados e acessíveis à população.

No entanto, pelas razões que mencionámos no apartado anterior, sabíamos que teríamos que procurar outras formas de tornar o património alto-medieval visível. Destacaremos agora algumas das soluções que temos desenvolvido.

Optámos por divulgar os programas das actividades a realizar no início do Verão, época de maior labor arqueológica e movimento no município, com o objectivo de envolver a população nas diferentes etapas. Nas escavações realizadas em locais de acesso viável promovemos jornadas de portas abertas, e visitas guiadas uma vez concluídos os trabalhos. Em paralelo com a escavação, realizámos aulas sobre a prática arqueológica: métodos e técnicas; desenvolvimento de projectos; contacto com a cultura material alto-medieval. Ainda que pensadas para os alunos estagiários, estas sessões foram divulgadas e abertas aos que quisessem assistir.

Tentámos também aproveitar as épocas de maior afluência de gentes ao concelho, como é o caso da Semana Santa, onde anualmente temos realizado palestras de divulgação para dar a conhecer os nossos trabalhos. No âmbito do Festival Andanças temos realizado visitas guiadas a sítios arqueológicos alto-medievais, aproveitando a grande afluência às margens da Barragem de Póvoa e Meadas durante a primeira semana de Agosto (figura 4). No início de Setembro, durante a realização do Mercado Medieval de Castelo de Vide, temos feito exposições de fotografia e desenho, procurando mostrar o lado mais humano da actividade arqueológica através de diferentes registos.

Sempre que possível temos divulgado o projecto pelos meios de comunicação: jornais regionais, televisão nacional, rádio... O PramCV conta também com um *website* próprio; um *blog* de divulgação onde são feitas publicações periódicas e presença nas redes sociais, sendo esta última a principal via de acesso aos demais conteúdos digitais do projecto<sup>1</sup>. Os meios de divulgação do IEM, da FCSH/UNL e da CMCV (newsletters, *websites* e redes sociais) são também utilizados para potenciar a difusão do PramCV.

Quanto às consequências destas actividades, com o passar das estações já é possível reconhecer um “núcleo duro” de adeptos às iniciativas do PramCV no município. No entanto, a verdade é que se tratam, na

1. Endereços electrónicos disponíveis no apartado bibliográfico.



4. Uma das "Aulas abertas em Arqueologia" organizada pelo PramCV no Verão de 2015.

maioria, de pessoas que já se encontravam previamente sensibilizadas para questões patrimoniais, fosse por dedicação profissional, apego pessoal ou ambas. Por outro lado, no caso das visitas guiadas e das exposições, dá-se o caso de haver mais adeptos exteriores ao município, ou seja, visitantes pontuais que se informam e aderem a partir do Posto de Turismo. Lamentavelmente, esta situação verifica-se também ao nível dos funcionários municipais, que por motivos profissionais estão a par e muitas vezes envolvidos nas questões logísticas que rondam o projecto, mas raramente se implicam nas actividades de divulgação.

A facha etária mais representada nas nossas actividades, são pessoas maiores de 50 anos. Em suma, embora nos preocupemos de desenvolver várias iniciativas direccionadas para o público geral, a verdade é que estamos a encontrar uma resposta limitada por parte da população local, especialmente o público jovem. Esta situação levou-nos a repensar formas de implicar a comunidade local com o seu património. No entanto, como veremos de seguida, estas questões estão presentes no debate actual sobre a função e importância da arqueologia no seio da sociedade.

## ARQUEOLOGIA PÚBLICA E COMUNIDADES LOCAIS

Queremos incluir neste trabalho uma reflexão, ainda que necessariamente breve, sobre a relação entre a arqueologia e as comunidades locais<sup>2</sup>, um dos enquadramentos em que desenvolvemos o PramCV. Para além da tradicional dicotomia: arqueologia de investigação (ligada tradicionalmente às universidades) / arqueologia profissional (desde a órbita das empresas privadas e trabalhadores independentes), desde inícios do século XXI que se tomou consciência da chamada *ar-*

*queologia social* ou *pública* (daqui em diante: AP)<sup>3</sup>.

Ainda que boa parte dos conceitos preconizados pela AP se estivessem de alguma maneira a pôr em prática nas actuações arqueológicas *tradicionais*, as profundas alterações que a crise financeira impôs a partir de 2008 na actividade arqueológica peninsular fez com que fosse necessário repensar o enfoque prático e teórico da profissão, à margem do meio académico e das actuações de emergência. A AP poderia definir-se, de maneira genérica, como a ampla gama de interações entre a arqueologia e a sociedade, em torno ao conhecimento e aproveitamento do Património. Trata-se de uma ferramenta de pensamento e acção que centra a sua atenção na «*comunicación, difusión y divulgación social de la actividad arqueológica y del conocimiento científico generado por esta*» (Ayán *et al.*, 2012, p. 71; *vid.* as possíveis características de um projecto de AP em: Ayán, 2014, p. 95).

A AP deve promover a integração e a interacção da comunidade na qual desenvolve a sua actividade, com o seu património material e imaterial, facilitando a inclusão de dita comunidade nos processos de investigação<sup>4</sup>. Trata-se de substituir a figura do *público espectador* pelo do *participante*, tanto na criação do discurso como no posterior diálogo; e, por outro lado, criar as redes de conhecimento e estima pelo Património através de diferentes iniciativas. Os arqueólogos profissionais não podemos continuar a resolver sozinhos a equação «(re)conhecimento + valorização = protecção». Convém ainda sublinhar o importante papel que joga neste aspecto a imersão de crianças e adolescentes no conhecimento arqueológico mediante estratégias de aprendizagem lúdico-práticas. O acompanhamento realizado das actividades de implicação com público jovem reflecte o seu crescente interesse pela arqueologia e o aumento da consciência patrimonial (Abrunhosa, 2015, p. 344-345, para o caso do *Programa Arqueologia em Castanheiro do Vento* – Universidade Júnior da U. Porto). A visão que a sociedade tem da arqueologia e do património não vai mudar sem o nosso envolvimento, como profissionais da área, se não damos os passos necessários.

Ainda assim, está claro que a arqueologia tem um grande impacto na sociedade, não podemos ser alheios a este efeito, se não que devemos encontrar maneiras de potenciar esta atracção e aproximá-la à vivência quotidiana. Por isso, devemos procurar formar parte dos debates sociais e nas reflexões nos quais o Património e a Arqueologia estejam presentes. Somos necessários se nos fizermos necessários. Por outras palavras, «*la arqueología pasa inevitablemente por su valor social. Si*

2. Cabe citar, a modo de introdução e de maneira não exaustiva, os trabalhos apresentados durante o debate do n.º 15 da revista *Arqueoweb* (2014); ou as comunicações recolhidas nas publicações das *Jornadas de Debate del Museo de Prehistoria de Valencia sobre patrimonio arqueológico, territorio, turismo y desarrollo* (Ferrer e Vives-Ferrándiz, 2012; Vives-Ferrándiz e Ferrer, 2014), Almansa (ed.), 2014a; ou o texto de Ayán (2014). Nestes trabalhos apresentados visões diferentes sobre o tema, incluindo artigos com uma perspectiva mais teórica, ou centrada no aspecto do desenvolvimento turístico, mas também com casos práticos, variado quanto à cronologia, situação geográfica e, de certa forma, taxa de êxito.

3. O termo *Public Archaeology* é utilizado na literatura anglo-saxónica desde 1972, ainda que sem a carga semântica que adquire posteriormente (Schadla-Hall, 1999; Richardson e Almansa, 2015).

4. Não nos podemos esquecer que o *número de comunidades é infinito*, situação que implica necessariamente conhecer bem aquela(s) com que trabalhamos para poder considerar e desenvolver estratégias efectivas que sejam benéficas para ambas as partes (Almansa *et al.*, 2015, p. 340). Daí a importância de um estudo sociológico da comunidade onde levamos a cabo a actividade arqueológica e contar com profissionais de outros campos que colaborem na análise e nas actividades de divulgação e socialização (Almansa, 2014a, p. 20-21).

*la gente no siente necesidad de la arqueología, no habrá arqueología»* (Almansa, 2014b, p. 324). E isto mesmo passa pela permanente expansão do sítio arqueológico, desde a entidade física que supõe a área escavada ou o terreno prospectado, até à sua compreensão por parte dos visitantes, passando pela prática arqueológica, os trabalhos de laboratório, a difusão, a integração nos discursos museológicos, académicos, turísticos, a sua vivência comunitária... trata-se, no fundo, de um exercício saudável de reflexão e didáctica (a diferentes níveis) de como e porquê desenvolvemos a nossa actividade. A nosso ver este aspecto cobra importância no âmbito rural por quatro motivos:

- a) O desaparecimento progressivo, ao longo do século passado, dos modos de vida das sociedades de base agrária e da sua relação com o entorno rural, excluiu o campo da realidade social percebida. No entanto, nas últimas décadas os espaços rurais e naturais têm vindo a ser reconvertidos numa vertente recreativa e de ócio. Isto tem permitido “recuperar” o campo, mediante a criação de estruturas de uso e gestão orientadas ao desenvolvimento e ao aproveitamento racional dos recursos (Ferrer e Vives-Ferrándiz, 2014, p. 177).
- b) Neste contexto de actuação, dá-se a possibilidade de integrar, com relativa facilidade, o património arqueológico nas actividades de património natural e/ou etnográfico, assim como no chamado turismo activo (caminhada, geo-catching, BTT, desportos aquáticos...).
- c) Pela possibilidade de conceder poder às comunidades locais e dotá-las de novas ferramentas para o desenvolvimento de emprego e a formação de agentes locais. Nesta mesma linha, convém referir a possibilidade de aceder a programas de financiamento europeus para o desenvolvimento rural nos quais o Património seja uma mais-valia nos projectos candidatados.
- d) Pela necessidade inata de novas vias de desenvolvimento da própria actividade arqueológica, como parte que é das ciências humanas e sociais.

Gostamos de pensar nas actividades desenvolvidas até ao momento pelo PramCV como uma das etapas de um amplo projecto de construção conjunta de actividades de conhecimento em torno ao património arqueológico de Castelo de Vide. Para isso é necessário que nos sentemos à mesa do Património os arqueólogos, os agentes locais de desenvolvimento turístico e

cultural, os gestores políticos do concelho e os residentes de Castelo de Vide, para repensar o papel do passado na construção do futuro.

### CASTELO DE VIDE “UM LUGAR NA MEMÓRIA”

Castelo de Vide insere-se na eurrorregião EUROACE<sup>5</sup>, partilhando com a maioria dos territórios que a integram uma série de vantagens e desvantagens desde o ponto de vista social, demográfico, económico e turístico (figura 5). A localização geográfica de Castelo de Vide, no centro do país, e ainda perto o suficiente da fronteira para atrair turistas desde Espanha, permite inserir o concelho numa lógica de “destino de fim-de-semana”<sup>6</sup> e no conhecido como “turismo de fronteira” (Campesino, 2013; Campesino e Jurado, 2015). Por outro lado, existem deficiências na acessibilidade e conectividade, tanto em termos de vias como em meios de transporte<sup>7</sup>. O aspecto positivo desta questão é que a única estrada nacional que cruza a fronteira entre o Tejo e Badajoz (N246-1 [PT] – N521[ES]) passa por Castelo de Vide, favorecendo a paragem de visitantes que tomem esta via de acesso<sup>8</sup>.

Entre os principais focos turísticos destaca-se: o centro histórico, que inclui o castelo e o burgo medieval; a judiaria, com o núcleo museológico da Sinagoga<sup>9</sup>; a Fonte da Vila; e o atractivo do seu traçado arcaico, com

5. Agrupamento integrado pelas regiões do Alentejo e Centro de Portugal e a Comunidade Autónoma da Extremadura (Espanha), criado em 21 de Setembro de 2009.

6. No entanto, esta situação leva inevitavelmente a uma certa dependência sazonal.

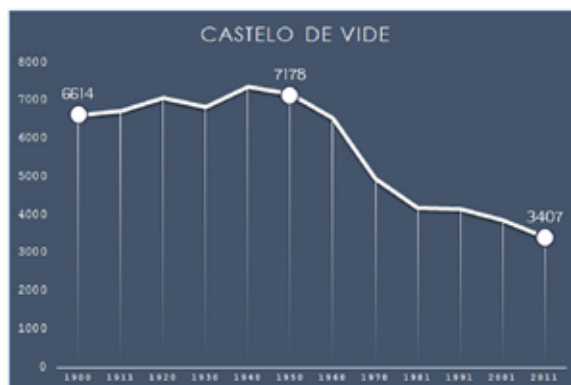
7. Não existe linha férrea e o expresso desde Lisboa demora cerca de 4h. Também não existe qualquer ligação de transportes públicos com Valência de Alcântara, cujo centro se localiza a escassos quilómetros da fronteira.

8. A IMD (intensidade média diária) é de 1 524 veículos ligeiros veículos por dia que, sem ser elevada, permaneceu constante inclusive durante a etapa mais dura da crise económica. Dados de 2012/2013, OTEP – Observatório Transfronteiriço Espanha-Portugal (Madrid/Lisboa. Documento n.º 7, publicado em Março de 2015).

9. O número de visitantes da Sinagoga entre Junho e Setembro de 2015 foi de 12 645 (53% nacionais e os restantes estrangeiros, essencialmente franceses, espanhóis e israelitas). Dados publicados pela Câmara Municipal de Castelo de Vide: <http://www.cm-castelo-vid.pt/pt/lista-noticias/1026-mais-de-12-000-turistas-visitam-a-sinagoga-entre-junho-e-setembro>.

<b>Superfície:</b>	264,91 km <sup>2</sup>
<b>Comprimento máx. N-S:</b>	24 km
<b>Comprimento máx. E-O:</b>	19 km
<b>Altitude máx. / mín.:</b>	826 / 125 msnm
<b>Temperatura média anual:</b>	16,4 °C

<b>População:</b>	3407 residentes
< 14 anos:	344
15-24 anos:	309
25-64 anos:	1625
> 65 anos:	1129



5. Dados geográficos e demográficos do concelho de Castelo de Vide (Fonte: *Anuário Estatístico da Região Alentejo 2012*. Lisboa: INE, 2013).

ruas empedradas, casas caiadas a branco e as portas ogivais que caracterizam esta “vilazinha alentejana”. Durante os últimos anos a Câmara Municipal esforçou-se para recuperar e potenciar a memória da presença judaica na vila, integrando-se na Rede de Judiarias de Portugal (figura 6).

Uma das épocas de maior afluência de visitantes é a Semana Santa, que conta com uma série de tradições etnográficas que o município tem sabido divulgar, destacando a sua particularidade no panorama das tradições de Páscoa em Portugal. Durante o Verão existe um fluxo constante de visitantes, sendo um dos pontos altos o *Andanças – Festival Internacional de Música e Dança Tradicional*, que desde 2013 se realiza nas margens da Barragem de Póvoa e Meadas. Esta zona destaca também pelo potencial enquanto zona natural e pela possibilidade de desportos aquáticos. Além disso, Castelo de Vide insere-se parcialmente na área do Parque Natural da Serra de São Mamede, existindo iniciativas de programas e usos turísticos compatíveis com a conservação da natureza.

Por todos estes motivos a administração municipal é consciente de que o património arquitectónico, artístico, natural e etnográfico são um bem fundamental para o desenvolvimento do concelho e a própria população está sensibilizada para a importância do turismo como força motriz. No entanto, consideramos que o património arqueológico (especialmente no âmbito rural) ainda não foi inserido de forma eficiente neste discurso. A principal ligação entre os sítios arqueológicos e as actividades turísticas realiza-se através de alguns poucos sítios visitáveis marcados nos roteiros dos percursos pedestres/BTT disponíveis<sup>10</sup>, cuja informação se limita a painéis informativos. Esta situação contrasta com o importante desenvolvimento da actividade arqueológica pela Secção de Arqueologia da Câmara Municipal (SACMCV) desde inícios dos anos 80 e o amplo número de sítios inventariados, alguns dos quais estão protegidos como Monumentos Nacionais (10); Imóveis de interesse público (5) ou estão

em vias de classificação (1)<sup>11</sup>. Deste total 14 são antas, além de 1 menir e de 1 barragem de época romana. Do património alto-medieval são visitáveis a “Boa Morte”, uma necrópole de oito sepulturas de lajes, e algumas sepulturas escavadas na rocha, vestígios localizados na envolvente da barragem.

Dentro deste panorama, poderá o património arqueológico, em especial o alto-medieval, tomar protagonismo na memória local?

## REFLEXÕES FINAIS: “PENSANDO NO AMANHÃ”

O território de Castelo de Vide é dotado com um abundante património arqueológico com especial destaque para o megalitismo e o período alto-medieval (Rodrigues, 1975). Ao longo dos anos têm sido desenvolvidos vários trabalhos académicos – como projectos, teses de mestrado e de doutoramento por diferentes universidades – cujos temas de estudo de alguma forma incidiram em Castelo de Vide<sup>12</sup>, e vários arqueólogos profissionais têm colaborado com a SACMCV em intervenções tanto no meio urbano como rural. No entanto, o distanciamento entre a população local e a actividade arqueológica tem sido constante.

Para inverter esta situação é necessário abrir vias de diálogo entre o património arqueológico, a comunidade local e os agentes culturais e turísticos, não só para manter as linhas de investigação abertas, mas também para que a informação gerada nestes trabalhos seja apreciada e assumida como própria da sua terra.

A solução passará num primeiro momento por identificar as necessidades do concelho e repensar a implicação dos arqueólogos no desenvolvimento de acções conjuntas em que o património desempenhe um papel de destaque.

Dentro do PramCV, propomos várias vias de actuação que nos parecem essenciais:

- Implicação nas actividades em que possamos ser úteis: realização de visitas guiadas; organização de

10. <http://www.castelodevide.pt/turismo/pt/ver-e-fazer/desporto/pedestrianismo-e-btt>.

11. Dados em [www.castelodevide.pt/turismo](http://www.castelodevide.pt/turismo).

12. Em 2014 foi assinado um protocolo de cooperação científica entre a CMCV e FCSH/UNL para promover iniciativas conjuntas e formalizar a relação estabelecida.



6. Vista geral de Castelo de Vide e pormenor do Burgo Medieval.

exposições temáticas; desenvolvimento de conteúdos para divulgação...

- Envolver as crianças em actividades pensadas especificamente para os mais novos: visitas a escolas; oficinas didácticas; visitas acompanhadas; réplicas de escavação...
- Criar a posição de "Arqueólogo por um dia" nos trabalhos de campo que venhamos a desenvolver, dando a oportunidade a que pessoas alheias à prática arqueológica profissional possam tomar parte activa nestas actividades.
- Realização de eventos na própria vila, procurando o envolvimento directo dos locais: exercícios de arqueologia experimental, palestras informais...
- Ampliação da difusão de actividades e de divulgação do projecto nas Redes Sociais.
- Aumentar a participação nos meios de comunicação locais/regionais, fundamentalmente rádios e meios *on-line* de enfoque local.
- Realização de actividades de divulgação em conceitos vizinhos.

Tratam-se de propostas de actuação dentro de um projecto específico, mas cujos princípios devem ser transversais a qualquer projecto de investigação que queira envolver verdadeiramente a comunidade local. Claro que estas medidas não podem partir apenas da boa vontade dos arqueólogos e para chegar a bom porto necessitam encontrar receptividade e eco na administração



7. Participante voluntário no Monte do Junçal (Agosto, 2015).

local, compromisso que Castelo de Vide tem assumido. Confiamos que uma vez concluído o PramCV, as actividades desenvolvidas tenham permitido saber muito mais sobre o território de Castelo de Vide durante o período alto-medieval e criado uma ponte entre a realidade arqueológica e a memória da comunidade local.

## BIBLIOGRAFIA

ABRUNHOSA, A. (2015) – Arqueología en la Universidad Júnior: otra forma de trabajar con la sociedad. In SÁEZ DE LA FUENTE, I.; TEJERIZO, C.; GONZÁLEZ, L.; HERNÁNDEZ, B.; HERNANDO, C., coords., *Arqueologías sociales. Arqueología en Sociedad. Actas de las VII Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica*. Vitoria-Gasteiz: Arkeogazte, p. 342-345.

ALMANSA, J.; GALMÉS, A.; ABRUNHOSA, A.; GARROCHENA, E.; CARDONA, G.; PALOMERO, I.; SEÑORÁN, J.; APARICIO, P.; VIZCAÍNO, A. (2015) – Arqueólogo busca público; políticas de integración y el futuro de la arqueología. Mesa Redonda 2. In SÁEZ DE LA FUENTE, I.; TEJERIZO, C.; GONZÁLEZ, L.; HERNÁNDEZ, B.; HERNANDO, C., coords., *Arqueologías sociales. Arqueología en Sociedad. Actas de las VII Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica*. Vitoria-Gasteiz: Arkeogazte, p. 339-369.

ALMANSA, J. (2014a) – Arqueología pública y gestión del patrimonio: condenados a encontrarse. *Debates de Arqueología Medieval*, 4, p. 11-28.

ALMANSA, J. (2014b) – Bendita crisis, maldita profesión. *Arqueo-Web*, 15, p. 322-325.

AYÁN VILA, X. (2014) – Arqueologías públicas en las Comunidades Autónomas de Galicia. *La Linde*, 3, p. 93-138.

AYÁN VILA, X.; GONZÁLEZ VEIGA, M.; RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, R. (2012) – Más allá de la arqueología pública: arqueología, democracia y comunidad en el yacimiento multivocal de A Lanzada (Sanxenxo, Pontevedra). *Treballs d'Arqueologia*, 18, p. 63-98.

CAMPESINO FERNÁNDEZ, A. (2007) – Recursos turístico-patrimoniales en la raya extremeña-alentejana. In PARDELLAS DE BLAS, X., eds., *Turismo de Interior en Áreas Fronterizas. Recursos e Ofertas*. Pontevedra: Servizo de Publicacións da Universidade de Vigo, p. 49-76.

CAMPESINO FERNÁNDEZ, A., dir. (2013) – *Turismo de frontera*, vol. 1. Pontevedra: RIET Ediciones.

FERRER GARCÍA, C.; VIVES-FERRÁNDIZ, J. (2014) – Patrimonio arqueológico y turismo: unas reflexiones finales. In VIVES-FERRÁNDIZ, J.; FERRER GARCÍA, C., eds., *El pasado en su lugar. Patrimonio arqueológico, desarrollo y turismo*. Valencia: Museu de Prehistòria de València, p. 177-189.

RICHARDSON, L.; ALMANSA SÁNCHEZ, J. (2015) – Do you even know what public archaeology is? Trends, theory, practice, ethics. *World Archaeology*, 47: 2, p. 194-211.

RODRIGUES, M. (1975) – *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

RUIZ ZAPATERO, G. (2012) – Presencia social de la arqueología y percepción pública del pasado. In FERRER GARCÍA, C.; VIVES-FERRÁNDIZ, J., coords., *Construcciones y usos del pasado. Patrimonio arqueológico, territorio y museo*. Valencia: Diputación de Valencia, Museu de Prehistòria de València, p. 31-73.

SCHADLA-HALL, T. (1999) – Editorial: Public Archaeology. *European Journal of Archaeology*, 2: 2, p. 147-158.

WALID SBEINATI, S.; PULIDO ROYO, J. (2014) – Socialización del patrimonio, patrimonio expandido y contextualización de la cultura, *Arqueo-Web*, 15, p. 326-334.

## PÁGINAS WEB

<http://www.castelodevide.pt/turismo/pt/>

<http://arqueopramcv.jimdo.com/>

<http://pramcv.blogspot.com.es/>

<https://www.facebook.com/arqueologiapramcv>